6 de maio: São Pedro Nolasco, religioso

Evangelho (*Mt* 25,31-40): Naquele tempo, Jesus disse aos seus discípulos: «Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os anjos, ele se assentará em seu trono glorioso. Todas as nações da terra serão reunidas diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos, à sua esquerda.

»Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me'.

»Então os justos lhe perguntarão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Com sede, e te demos de beber? Quando foi que te vimos como forasteiro, e te recebemos em casa, sem roupa, e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?'. Então o Rei lhes responderá: 'Em verdade, vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!'».

«Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!'»

Rev. D. Antoni CAROL i Hostench
(Sant Cugat del Vallès, Barcelona, Espanha)

Hoje celebramos a caridade heroica e a santidade de São Pedro Nolasco (c. 1180-1256), fundador da Ordem das Mercês. Quando ouvimos Jesus falar-nos dos que têm fome, dos que têm sede, dos estrangeiros... (cf. Mt 25,35-36), compreendemos melhor a radicalidade da entrega de Nolasco: ele reconheceu que Cristo estava realmente presente nos cativos do seu tempo.

Pedro não se limitou a sentir compaixão. Mercador de profissão, conheceu de perto o drama de tantos cristãos privados de liberdade e, movido pela misericórdia, começou a utilizar os seus bens para os resgatar. Quando estes recursos se esgotaram, passou a pedir esmola por eles e dedicou toda a sua vida a esta obra.

Leão XIV descrevia assim as circunstâncias históricas daquela época: «Entre os finais do século XII e os

princípios do século XIII, quando muitos cristãos eram feitos prisioneiros no Mediterrâneo (…), surgiram duas Ordens religiosas: a Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos (os Trinitários) e a Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria das Mercês (os Mercedários), fundada por São Pedro Nolasco [em 1218], com o apoio de São Raimundo de Penhaforte, dominicano. Estas comunidades de consagrados surgiram com o carisma específico de libertar os cristãos reduzidos à escravidão, colocando os seus bens ao serviço desta missão e oferecendo, muitas vezes, a própria vida em troca».

O próximo que se encontra em necessidade não é um estranho, mas Cristo que nos visita: «Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25,40). Pedro não se contentou com uma caridade cómoda, mas viveu uma misericórdia que se traduziu em sacrifício, desprendimento e entrega. O seu pensamento e a sua vida poderiam resumir-se naquela lógica mercedária: visitar, libertar e, se necessário, dar a própria vida.

Peçamos a São Pedro Nolasco um coração semelhante ao seu: capaz de reconhecer as formas de cativeiro do nosso tempo, de se comover perante elas e de se comprometer. Porque, diante de Cristo Rei, não contará o muito que tivermos conservado, mas o amor que tivermos sabido transformar em obras. E talvez o Senhor nos pergunte, ainda hoje: quem libertaste, consolaste ou serviste por amor a Mim?